

KILIAN, Cristiane Krause. Resenha de “Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos”, de Claudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua e Philippe René Humblé (orgs.). *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. [www.revel.inf.br].

RESENHA DE “DICIONÁRIOS NA TEORIA E NA PRÁTICA: COMO E PARA QUEM SÃO FEITOS”, DE CLAUDIA XATARA, CLECI REGINA BEVILACQUA E PHILIPPE RENÉ MARIE HUMBLÉ (ORGS.)

Cristiane Krause Kilian¹

ckkilian@cpovo.net

Além de ser relevante para consultas pontuais em relação a uma dúvida linguística, o dicionário ocupa um lugar de grande importância em uma sociedade, retratando de certa maneira a sua realidade sociocultural. No Brasil, a produção e a venda de dicionários são significativas e há uma diversidade de títulos. Também o estudo sobre dicionários tem crescido consideravelmente, o que mostra, por exemplo, vários trabalhos e projetos acadêmicos.

Nesse livro, intitulado *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*, organizado por Claudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua e Philippe René Marie Humblé e publicado pela Editora Parábola, encontramos, em forma de entrevistas, opiniões de várias pessoas que, sob pontos de vista distintos, têm uma relação com os dicionários. A obra é dividida, portanto, em três partes, de acordo com a *atividade* do entrevistado: há os que fazem, os que estudam e os que usam o dicionário.

Na primeira parte *Conversando com quem faz: a prática lexicográfica*, dois lexicógrafos ou dicionaristas, Francisco da Silva Borba e Mauro de Salles Villar, relatam sobre o trabalho de elaboração de um dicionário, suas dificuldades e a contribuição dos avanços tecnológicos no fazer dicionarístico. Segundo eles, alguns problemas são a falta de profissionais capacitados para o trabalho lexicográfico e outros relacionados ao financiamento

¹ Doutora em Letras – Estudos da Linguagem (Teorias do Texto e do Discurso) pela UFRGS. Professora de Alemão no Instituto Goethe. Pesquisadora colaboradora do Projeto TERMISUL (UFRGS) e Projeto GLOSSRI (ESPM).

de projetos tão complexos. Borba ressalta a contribuição que os recursos da informática trouxe para a organização de dicionários, oferecendo mais segurança e objetividade ao trabalho lexicográfico.

A segunda parte *Conversando com estudiosos de Lexicografia* é a mais extensa (p. 27 a 152) e está dividida em quatro seções, nas quais dois ou três estudiosos de renome no âmbito dos estudos lexicográficos no Brasil respondem perguntas específicas.

Na primeira seção, é discutido o status da Lexicografia - ciência, técnica, prática ou arte - e de suas duas vertentes, a saber, a lexicografia prática e a lexicografia teórica ou metalexigrafia. Também são levantadas questões sobre o que deve constar no dicionário, palavras de uso frequente ou palavras consideradas padrão e sobre o papel do dicionário em uma comunidade linguística.

A segunda seção aborda questões específicas da lexicografia teórica, como o tratamento de homônimos e os critérios de inclusão de abonações nas diferentes obras lexicográficas. Os entrevistados são, também, questionados sobre os critérios de inclusão nos dicionários gerais de i) arcaísmos, palavras raras e em desuso, ii) lusitanismos, africanismos e regionalismos, iii) estrangeirismos, iv) neologismos, v) antropônimos e topônimos e vi) gírias, palavrões e idiotismos, ou seja, a fraseologia popular. Além disso, são tratados os temas de como organizar as colocações no dicionário, critérios e forma de inclusão de termos e fraseologias especializadas. Na área da lexicografia bilíngue, é discutida a distinção entre dicionários para codificação e para decodificação, a organização macro e microestrutural dessas obras e as implicações que a prática de querer atender a duas funções (produção e compreensão) e a dois públicos (grupos diferentes de falantes nativos das duas línguas contempladas no dicionário) traz.

A terceira seção é dedicada à lexicografia pedagógica, área relativamente recente, pouco desenvolvida no Brasil, mas que vem se desenvolvendo e dando a importância merecida ao estudo e ao uso do dicionário em contexto de aprendizagem, seja da língua materna ou de uma língua estrangeira. Segundo um dos entrevistados, o uso pedagógico do dicionário em contexto de língua materna é pouco explorado por duas razões: falta de consciência da escola e despreparo ou descaso por parte dos professores. Outro estudioso destaca a importância das pesquisas sobre o uso de dicionários que levantam as necessidades dos usuários e as dificuldades que esses encontram ao buscarem uma informação no dicionário. Discute ainda a diferença entre os adjetivos *pedagógico* e *didático*, entendendo o primeiro como um tipo específico de dicionário destinado a aprendizes de língua e o segundo a maneira como as informações são apresentadas.

A quarta seção da segunda parte é dedicada a questões políticas, como, por exemplo, programas e iniciativas governamentais para a valorização do dicionário em contexto escolar e para a formação lexicográfica adequada dos professores. Fica clara também a necessidade de se ter no Brasil um dicionário considerado oficial que legitime o léxico e seja referência em relação aos padrões linguísticos, como ocorre na França e na Espanha, por exemplo. Ainda nessa seção são abordadas diferenças entre obras terminográficas e lexicográficas, bem como a falta de políticas de incentivo específicas para projetos terminográficos.

A terceira e última parte *Conversando com usuários* abre espaço para os usuários, os *consumidores* desse produto, já que “junto com os livros didáticos, a lexicografia é uma das poucas manifestações da linguística que dão dinheiro” (p. 153). No Brasil, não há quase pesquisa sobre o uso de dicionários e seus usuários. As existentes são feitas no contexto de projetos acadêmicos e não por parte das editoras. Através do depoimento de oito entrevistados, a maioria tradutores e/ou professores de alguma língua estrangeira, ficamos sabendo como cada um usa essa obra de consulta e quais são as informações mais procuradas por eles. São pontuados alguns aspectos negativos, como, por exemplo, a inexistência de instruções aos usuários ou de um prefácio no qual deveriam constar os objetivos, o público-alvo e as fontes utilizadas, bem como a falta de expressões idiomáticas, colocações e também de palavras estrangeiras já incorporadas ao uso da língua. Outro problema mencionado é o fato de muitos dicionários trazerem exemplos extraídos de obras literárias que já não mais espelham o uso contemporâneo do verbete. Também citado por alguns entrevistados é o fato de não haver obras específicas voltadas para os tradutores, pois esse grupo de profissionais possui necessidades específicas.

Por fim, podemos dizer que o livro traz informações relevantes quanto à elaboração, às pesquisas, às questões pedagógicas e políticas, bem como quanto ao uso desta obra de referência que é uma ferramenta tão necessária para quem quer aprender uma língua estrangeira, traduzir um texto ou usá-la como fonte de consulta para sanar dúvidas sobre sua língua materna. O livro oferece, portanto, um material rico para aqueles que se iniciam no mundo dos dicionários, mas também para aqueles que desejam saber mais sobre a lexicografia e principalmente alguns aspectos da lexicografia brasileira.

Fica apenas um ponto negativo a ser comentado, mas que não desmerece o valor da obra: a falta de várias referências bibliográficas, pois vários livros e artigos são mencionados pelos entrevistados apenas com o nome e ano. No entanto, elas poderiam ser arroladas em uma lista no final do livro. Essas informações complementares são necessárias, já que a obra também tem o leitor novato como público-alvo.

XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (orgs.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 192p.